

HISTÓRIAS

TODO LUGAR TEM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR
MEMÓRIAS DE BURITAMA E PROMISSÃO





BURITAMA
150 KM



Todo Lugar Tem uma História para Contar

Memórias de Buritama e Promissão

Todo lugar tem uma história para contar.

Basta parar e ouvir.

Desligue a televisão, desacelere o passo, puxe uma cadeira.

Pare, ouça o rio correndo. Ele esquadrinha o território, une cidades, concatena trajetórias. Em suas margens observam-se o depósito de esperanças, a solidez de teimosias, a superação que finca raízes. Em suas curvas insinuantes encontram-se a fome, a insensatez, assim como o amor e a serenidade das borboletas, entre transformações seguidas por transformações.

A exposição *Todo Lugar Tem uma História para Contar – Memórias de Buritama e Promissão* traz as histórias dos municípios que não aparecem nos livros; apresenta narrativas que deságuam em causos, superstições, personagens que são caros e únicos para as cidades e munícipes. Contos que unem as municipalidades por suas identidades, desbravadores do oeste, construtores de possibilidades.

Memórias são turvas, os detalhes escapam entre os dedos, revelam e também omitem informações – forma-se um jogo entre lembranças e esquecimentos. Por vezes, agem como espelho. Acessam um redemoinho de sensações e, por excelência, subvertem e transgridem certezas.

Trata-se da conclusão e do resultado do trabalho de formação continuada de professores e sua aplicação com seus alunos nos municípios de Buritama e Promissão. Por aqui se encontra a vida na roça, às vezes com pouco estudo, mas sempre com muito conhecimento. Por aqui se conhece uma escola do passado, namoros que não existem mais e saberes transmitidos de geração para geração. Por aqui se descobrem flores de sabugueiro, carregadas de memórias de dor e saudades que invadem o peito. Por aqui se vê um rio, que tudo cerca e carrega, que gera energia, que traz certezas e incertezas pela correnteza.

As narrativas presentes são textos coletivos produzidos pelos alunos a partir de entrevistas totalmente administradas por eles. Os estudantes, orientados por seus professores, elegeram critérios e escolheram coletivamente seus depoentes, em seguida, produziram roteiros e organizaram suas salas para a condução das entrevistas de histórias de vida, método concebido pelo Museu da Pessoa. Após o registro dos depoimentos, os discentes debateram e destacaram os principais pontos das narrativas e selecionaram as memórias a serem produzidas.

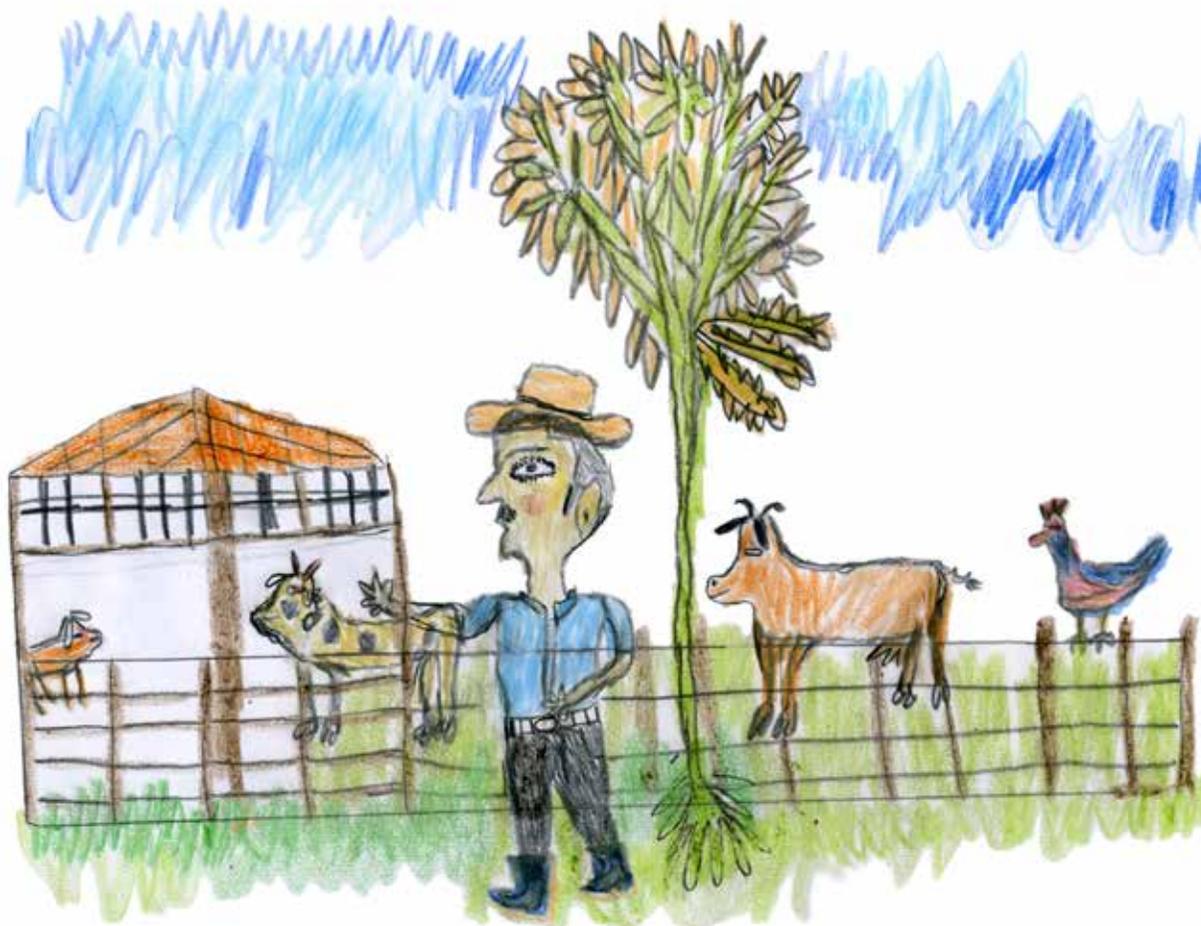
Simultaneamente, tornou-se intensa a produção de desenhos, tanto dos entrevistados como de suas lembranças. Completam a engrenagem da produção da exposição a edição e a revisão dos textos dos alunos feitas posteriormente.

As histórias, aqui brevemente registradas, são uma homenagem a todos os moradores dos municípios parceiros e um lembrete para olhar para o outro, olhar para o lado, olhar para as semelhanças e diferenças, olhar para o sol que nasce todos os dias ou a gota de orvalho que desliza no buriti. Olhar a vida e a história que se constrói no dia a dia.

A exposição *Todo Lugar Tem uma História para Contar – Memórias de Buritama e Promissão* é resultado de um ano letivo de trabalho e só foi possível graças ao esforço conjunto entre o Ministério da Cultura, Instituto AES, AES Tietê, Instituto Museu da Pessoa, Secretarias de Educação de Buritama e Promissão, todos os educadores e alunos envolvidos no projeto e, claro, os depoentes que contaram suas histórias.

Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2017 (Pronac – 164353) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio do Instituto AES e da AES Tietê.

Museu da Pessoa



Caro leitor,

A valorização da história de uma comunidade pelo resgate e registro das tradições orais, envolvendo antigos moradores, crianças e profissionais da educação pública, é uma forma de promover o acesso à cultura e, assim, contribuir para a formação plena de cidadãos.

O Instituto AES e a AES Tietê, ao apoiarem o Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar – Memórias de Buritama e Promissão, acreditam que essa iniciativa impulsiona na comunidade o orgulho de pertencer a esses municípios, o que potencializa transformações positivas na qualidade de vida de seus habitantes.

Em parceria com o Museu da Pessoa, agradecemos a todos os envolvidos no projeto a dedicação às formações, entrevistas, desenhos, fotos e textos, de forma que esta publicação se tornasse um registro fiel de Promissão e Buritama.

Convidamos você a conhecer e a compartilhar essas histórias, que, dessa forma, serão eternizadas.

Boa leitura!

AES Tietê
Instituto AES





BURITAMA







JOSÉ ROBERTO

A famosa história do dedo

Eu tinha 6 anos. Morava numa casinha simples de pau a pique, feita de coqueiro com ripa e chão de terra.

No sítio aprendemos a trabalhar cedo, e meu pai me deu uma enxada de cujo cabo não gostei. Emburrado, peguei um facão e fui cortar um pé de quiabo ali perto. Minha mãe viu, pegou o facão e o escondeu, porém não percebeu que eu a vi guardando.

Meu pai saiu a cavalo com minha irmã, que tinha cortado o queixo com uma garrafa. Fiquei em casa sozinho com minha mãe.

Peguei o facão escondido e voltei a usá-lo. Foi então que o passei nos dedos! Chorei tanto. Esguichava sangue! Minha mãe colocou minha mão em um pote de açúcar e amarrou um pano. Então saiu, grávida, gritando e pedindo ajuda para um senhor que trabalhava no sítio para a colheita de arroz.

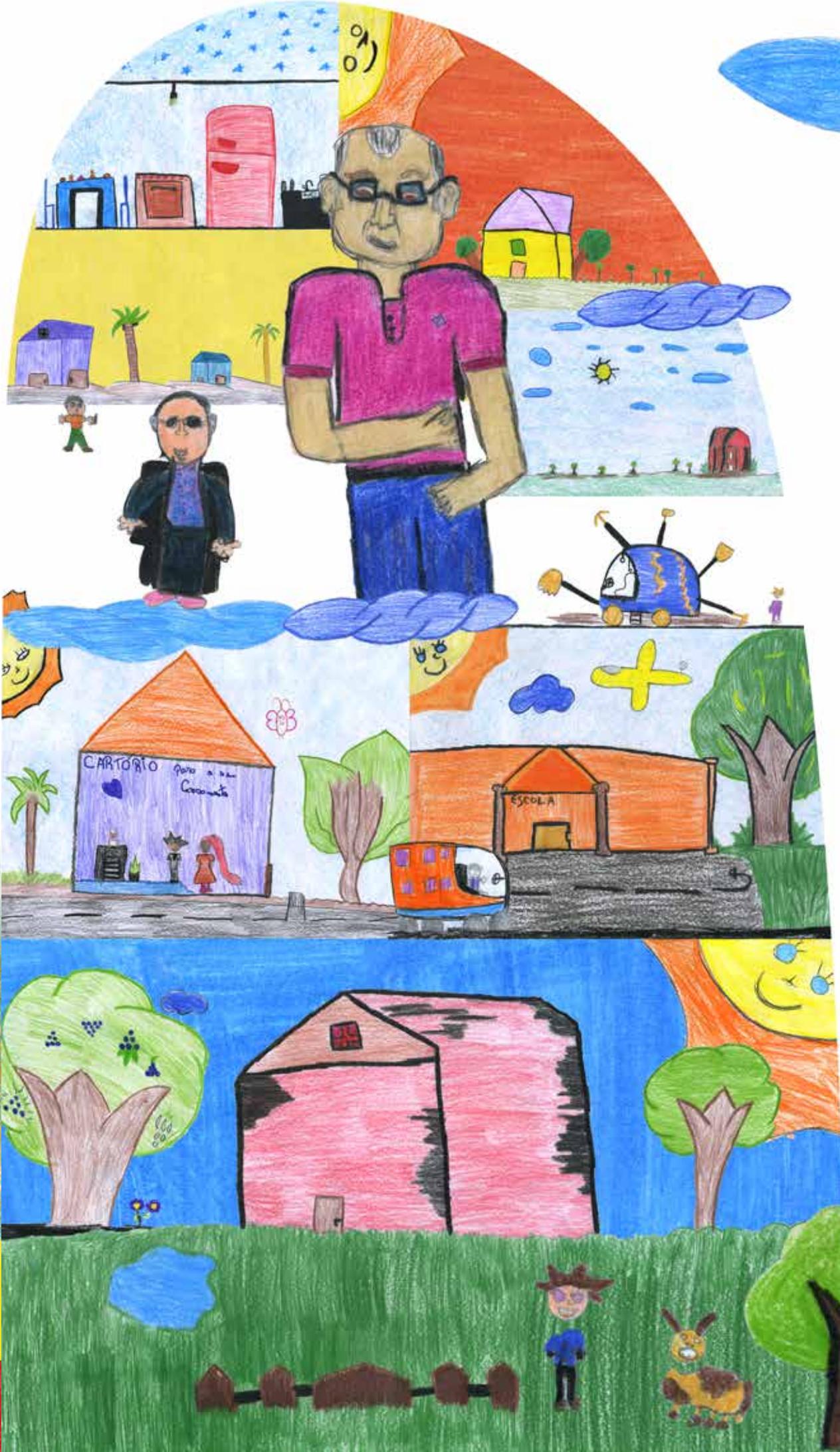
Ele me pegou e saiu correndo pela estrada. Passou um trator e nos deu carona.

Papai já retornava com minha irmã e de longe me reconheceu no trator com a mão enfaixada. Fomos para a Santa Casa, onde o doutor Claudomiro nos atendeu. Mas não foi possível fazer nada, na época não havia recursos.

Hoje, depois de 52 anos, vejo que não me fez muita falta exceto nas aulas de datilografia e atualmente no uso do computador.

José Roberto de Moraes
(Tio Bolinha) nasceu na Fazenda Lajeado, em 31 de agosto de 1960.





JOÃO

Tio João da van

Sou motorista de van faz muito tempo.

Comecei no transporte escolar com apenas uma criança, na escolinha Tic-Tac, com uma Kombi, e aos poucos foram aumentando os passageiros. Foi aí que comecei a ser chamado carinhosamente de “Tio João”.

Hoje também transporto artistas e autoridades quando visitam Buritama, e um fato marcante que me aconteceu recentemente foi nessa última Festa do Peão, dia 20 de agosto de 2017.

Estava sozinho no aeroporto esperando a dupla Matogrosso e Matias. Eles deveriam chegar às 21h30, mas só chegaram às 23h10.

O tempo estava fechado e tudo estava muito escuro. O avião fez cinco tentativas frustradas de aterrissagem. Fui entrando em pânico, com medo de uma tragédia. Comecei a chorar e fiz uma oração. Logo em seguida o avião apontou na cabeceira da pista e pousou tranquilamente.

Matogrosso desceu agarrado à Bíblia que ganhara no Faustão. O cantor chorava e, ao se aproximar, viu que eu também. Nos abraçamos e choramos juntos.

João Nogueira Sanches nasceu em Auriflora (SP), no dia 2 de junho de 1952.

JOSÉ ANTONIO

História de um buritamense

Meus avós paternos vieram de Piumhi, Minas Gerais, juntamente com meu pai. Eu nasci no município de Buritama.

Tive uma infância feliz no sítio de minha família. Logo aos 8 anos comecei a trabalhar na ordenha e plantação de café. Estudei até a 3ª série primária, pois era muito complicado estudar naquela época. Com 9 anos perdi minha mãe, o que foi muito difícil para mim e minha família.

Quando virei adolescente, me divertia em bailes e festas. Conheci minha esposa, Anésia Perassoli, nessa época.

Por volta de 1980, me tornei comerciante e abri uma loja que existe até hoje.

Tive um casamento abençoado e fiquei com minha esposa até sua morte, há cinco anos. Agora aposentado, passo a maior parte do meu tempo na loja, conversando com amigos e clientes.

Sou um homem realizado. Minhas únicas tristezas são a morte de minha mãe e de minha esposa. Já a maior alegria para mim é ter meu neto como prefeito da minha cidade. Meu sonho é que ele consiga realizar grandes conquistas em seu mandato.

José Antonio Sobrinho nasceu em Buritama, no dia 24 de abril de 1933.





ARMANDO

Família, o bem mais precioso

Hoje tenho 78 anos, estou casado com Maria Helena Pariz, que conheci no bairro Jardim Brasil, São Paulo, onde ela morava, e sou muito feliz com a família que tenho.

Eu era recém-formado na Academia de Polícia de São Paulo, ano de 1961. Tinha 22 anos e ela 15. Namoramos um ano e nos casamos no dia 20 de dezembro de 1962, uma quinta-feira, no cartório de Vila Maria, em São Paulo. No sábado tivemos uma cerimônia linda na Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Vila Medeiros.

Minha esposa teve uma infância muito difícil. Aos 11 anos de idade, ela teve poliomielite, ficou internada em diferentes hospitais. Quando adolescente, usava aparelho ortopédico na perna. Com o passar dos anos, não aguentava mais e, aos 47 anos, começou a andar de cadeira de rodas. Já morávamos em Buritama.

Estamos casados há 55 anos e formamos uma família linda. Temos quatro filhos, sete netos e dois bisnetos. Nosso maior sonho é ver nossos netos caminhando bem na vida.

Agradeço muito a Deus pela família que tenho; dias difíceis todos nós enfrentamos. Tudo o que peço é que nós possamos continuar assim para sempre.

Armando Pariz, natural de Presidente Bernardes (SP), nasceu no dia 21 de junho de 1934.

João

Desejo de ser soldado

Eu tinha a idade de 5 anos quando peguei paralisia infantil.

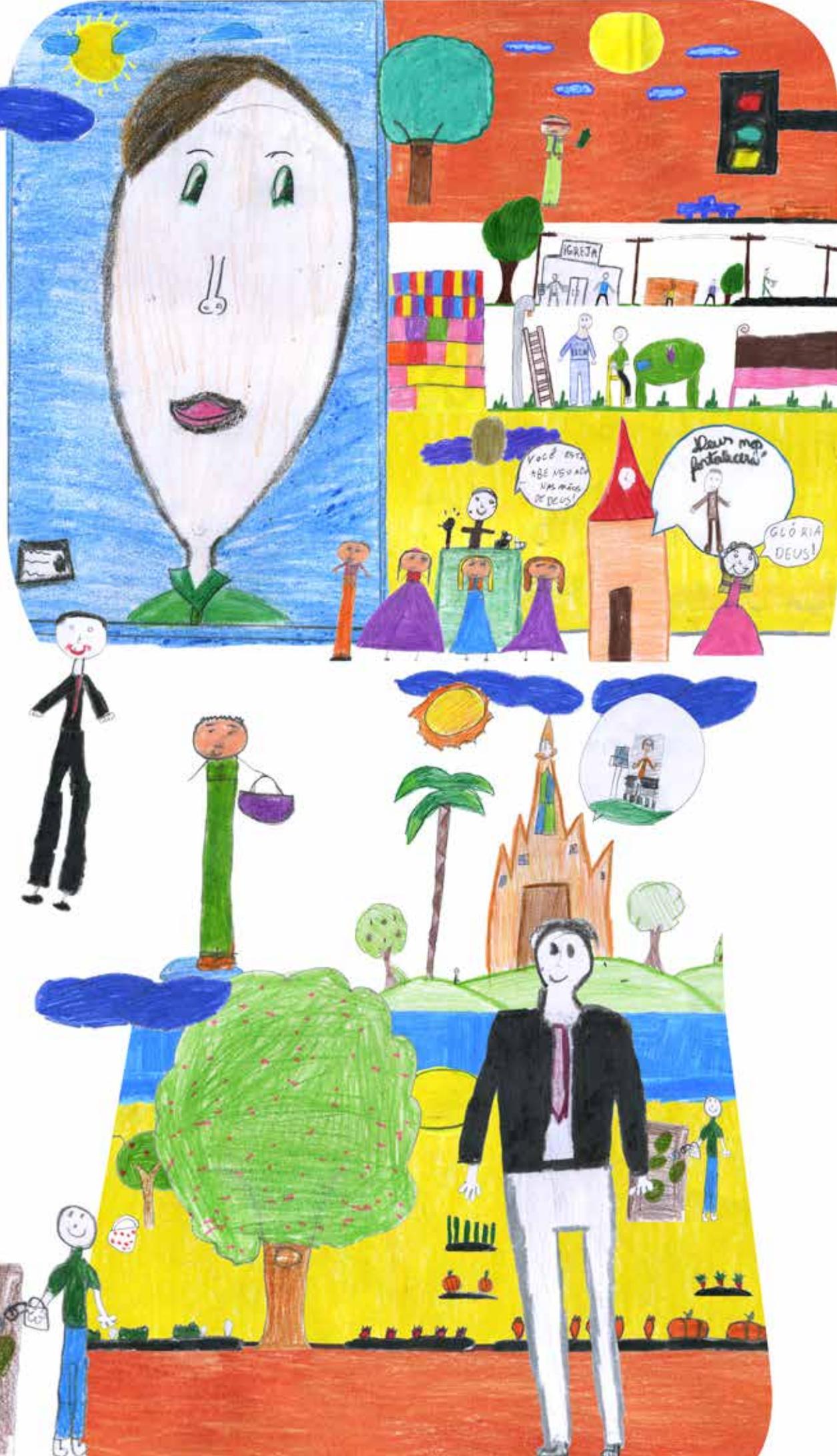
Lembro do meu irmão mais velho me carregando em suas costas. Meus pais eram bastante religiosos e fizeram voto com Deus, voto esse que até os dias de hoje desconheço, e pela fé obtive a cura.

Chegou a idade de alistamento e, por vontade própria, me alistei no 9º Batalhão de Engenharia de Combate, na cidade de Aquidauana (MS). No dia dos exames para ingresso, o médico e comandante do batalhão perguntou se eu tive anteriormente algum problema com minhas pernas. Senti um gelo na barriga e, como minha vontade de ser militar era enorme, respondi que não.

Aquele “não” saiu gaguejando, tropeçando baixinho, quase não se ouvia. Então puxei o ar para dentro do meu peito e respondi com toda a força, a garra e a coragem, pois ali estava o sonho de uma vida toda!

Foi um alívio quando o soldado pediu para eu passar para a fila dos selecionados.

João Fernandes da Silva (Pastor João) nasceu em Andradina (SP), no dia 1º de dezembro de 1948.





NÉLSON

Minha vocação

Fui professor de História, inclusive na Escola Oswaldo Januzzi. Foi uma experiência muito boa, da qual guardo boas lembranças, especialmente de alguns alunos.

Nessa época, fiz uma viagem que se tornou inesquecível, pois me perdi em São Paulo. Não estava acostumado com cidade grande! Demorou, mas consegui achar o caminho.

Depois de algum tempo, resolvi entrar na política, fui candidato a vice-prefeito, porém o prefeito teve problema com a Justiça e eu acabei me tornando o próprio, assim como meu irmão Realino Feroldi. Foi uma época muito ruim, porque tive que tomar decisões difíceis, que não me agradavam. Além disso, dormia pouco e almoçava somente na hora do jantar devido a tantos compromissos que tinha.

Depois realizei meu sonho de ser escritor. Escrevi o livro *Poesias e Rimas – Luz sobre Névoa*.

Hoje estou aposentado e continuo praticando meu passatempo predileto, que é escrever.

Nelson José Feroldi – Zezo, o poeta – nasceu em Buritama no dia 5 de novembro de 1944.



ALCIONE

A banda

Fomos convidados a participar de um campeonato de bandas e fanfarras em nível estadual, em que inúmeras cidades estariam se apresentando, algumas dessas com muito mais recursos e disponibilidade de material do que nós, da “Creche do Rui” (Centro Assistencial Benedita Fernandes), poderíamos ter.

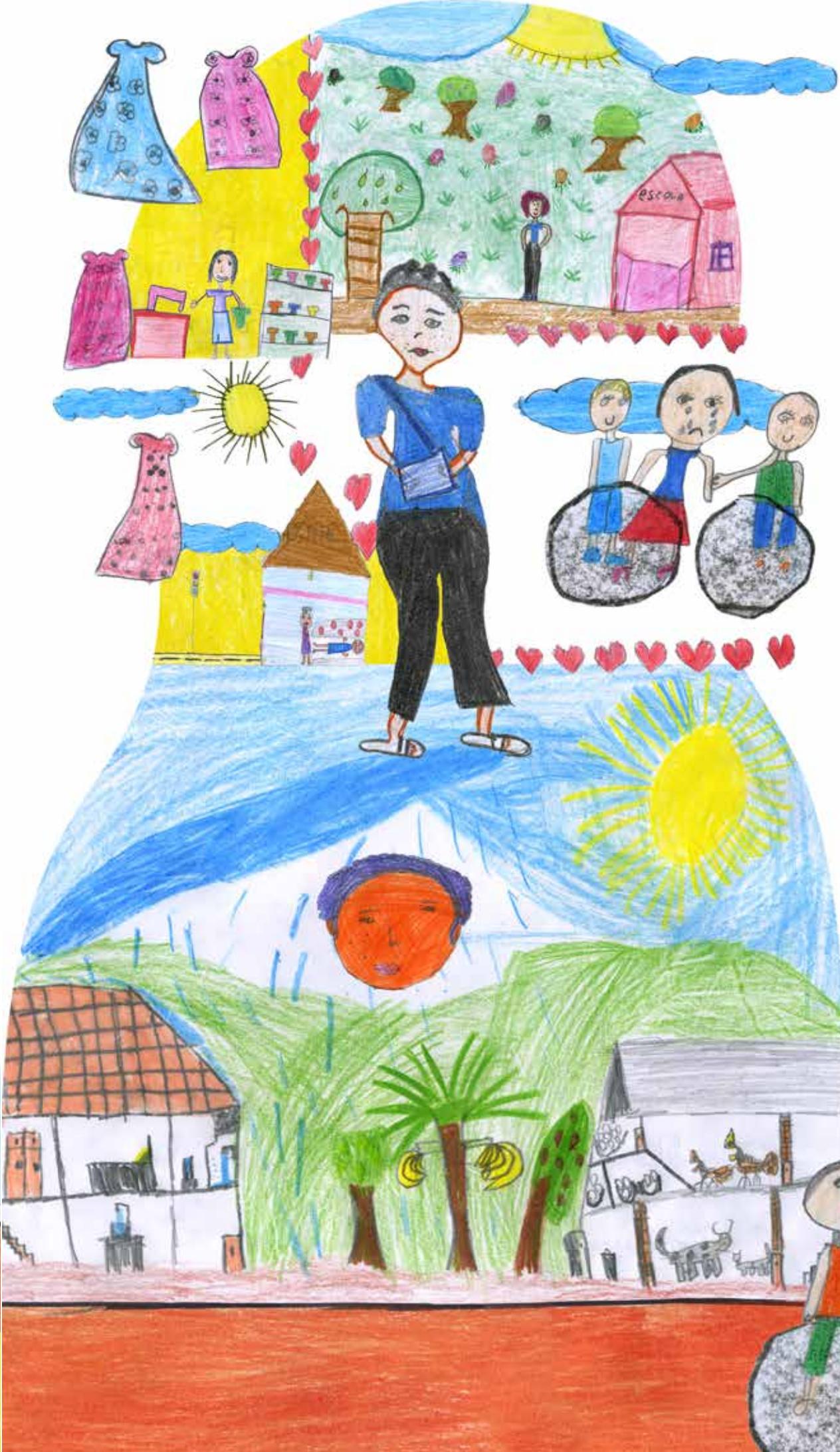
Estávamos fora de nossa cidade, onde ninguém nos conhecia, com pessoas que não fazíamos ideia de quem seriam. Mas todos com o mesmo objetivo, fazer o melhor durante a apresentação de nossa banda.

Sem recursos nem material adequado, como uniformes para a tal apresentação, conseguimos o 3º lugar no Campeonato Estadual!

Isso foi muito marcante. Nossa banda tocava direitinho. Nossas crianças tocaram bonitinho, o que garantiu a premiação para a creche.

Alcione Aparecida de Souza (“Tia Soninha”) nasceu em Birigui, no dia 1º de outubro de 1951. É professora aposentada. Hoje, cuida da “Creche do Rui” (Centro Assistencial Benedita Fernandes).





CLEUZA

O regresso

Consulta marcada, todos os exames em mãos, tomei a perua e fui para a estação de Goianas, onde havia muita gente esperando. Só quando passou o quarto trem consegui entrar e, nesse momento, senti um forte empurrão em minhas costas, que me jogou para o outro lado do vagão. Tentei segurar nos cabelos de uma mulher que estava perto, mas não consegui e caí.

Alguns pularam por cima e muitos me pisotearam. Quando a porta se fechou, me ajudaram a levantar e me sentei atordada, com muita dor. Logo que o trem parou, fui levada ao pronto socorro.

Os exames de raio X nada apontaram, mas alguns dias depois meu pé inchou e inflamou tanto que eu até gritava de dor. O médico me receitou injeções e remédios para tomar e passar. Dias depois, já melhor, tomei a decisão: “É hora de voltar, chega de São Paulo!”

Então eu, minha mãe, minha filha e minha neta voltamos para Buritama.

Cleuza Maciano Silva nasceu em Buritama, no dia 24 de dezembro de 1947.

BENEDITO

Ser feliz é simples

Minha mãe morreu quando eu tinha 4 anos, no Mato Grosso. Meu pai me trouxe para Lourdes e meus tios me criaram.

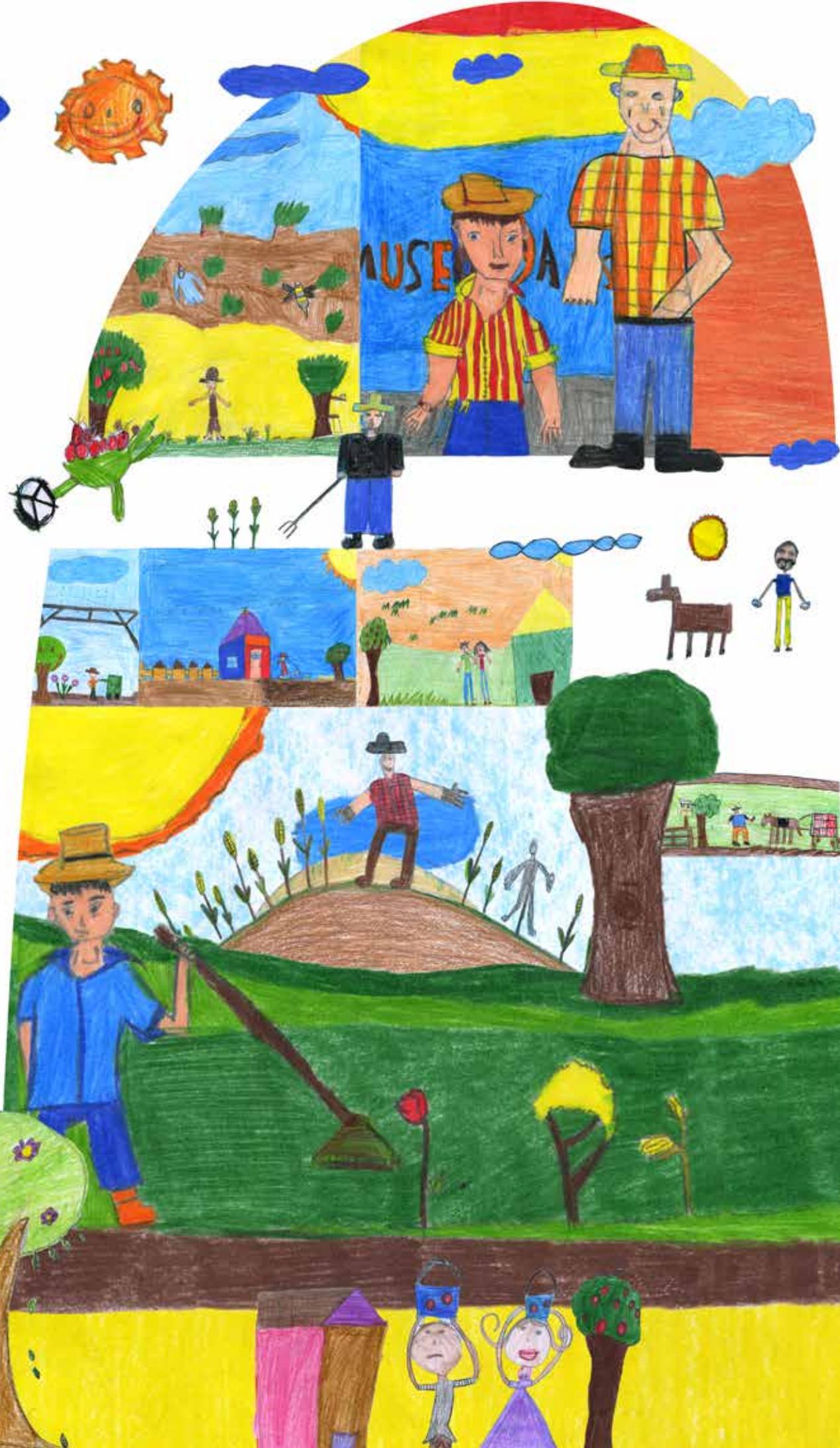
Comecei a trabalhar muito cedo. Dos 7 aos 10 anos, do meio-dia até a noitinha, porque estudava. Depois o dia inteiro, a semana inteira... Sempre na roça, colhendo algodão, milho, arroz, tomates e carpindo. Não tinha tempo para brincar.

Quando fiquei moço, ganhei um cavalo e vinha com ele nos bailes em Buritama. Conheci minha esposa, casamos e continuamos na roça. Juntos colhíamos 250 caixas de tomate por dia, e eu as carregava todas na moleira. Depois do meio-dia, os tomates ficavam tão quentes que queimavam minha cabeça, e não nasceu mais cabelos.

Foi com o dinheiro que ganhamos na roça que construímos nossa casa. Pagamos os materiais em prestações. Estamos casados há 40 anos e moramos no mesmo lar. Temos dois filhos e quatro netos.

Faz 20 anos que não trabalho mais na roça, mas gosto muito do que faço, trabalho no meio de crianças, e tudo o que quero é saúde.

Benedito Faria de Oliveira
nasceu em Panambi (MT),
no dia 12 de fevereiro de 1955.





IVONE

Carnaval inesquecível em Buritama

Nós nos mudamos para Buritama em meados dos anos 70. Cursei a 6ª, a 7ª e a 8ª série na Escola Oswaldo Januzzi. No ginásio, se faziam desfiles no aniversário da cidade, sempre com a participação dos alunos.

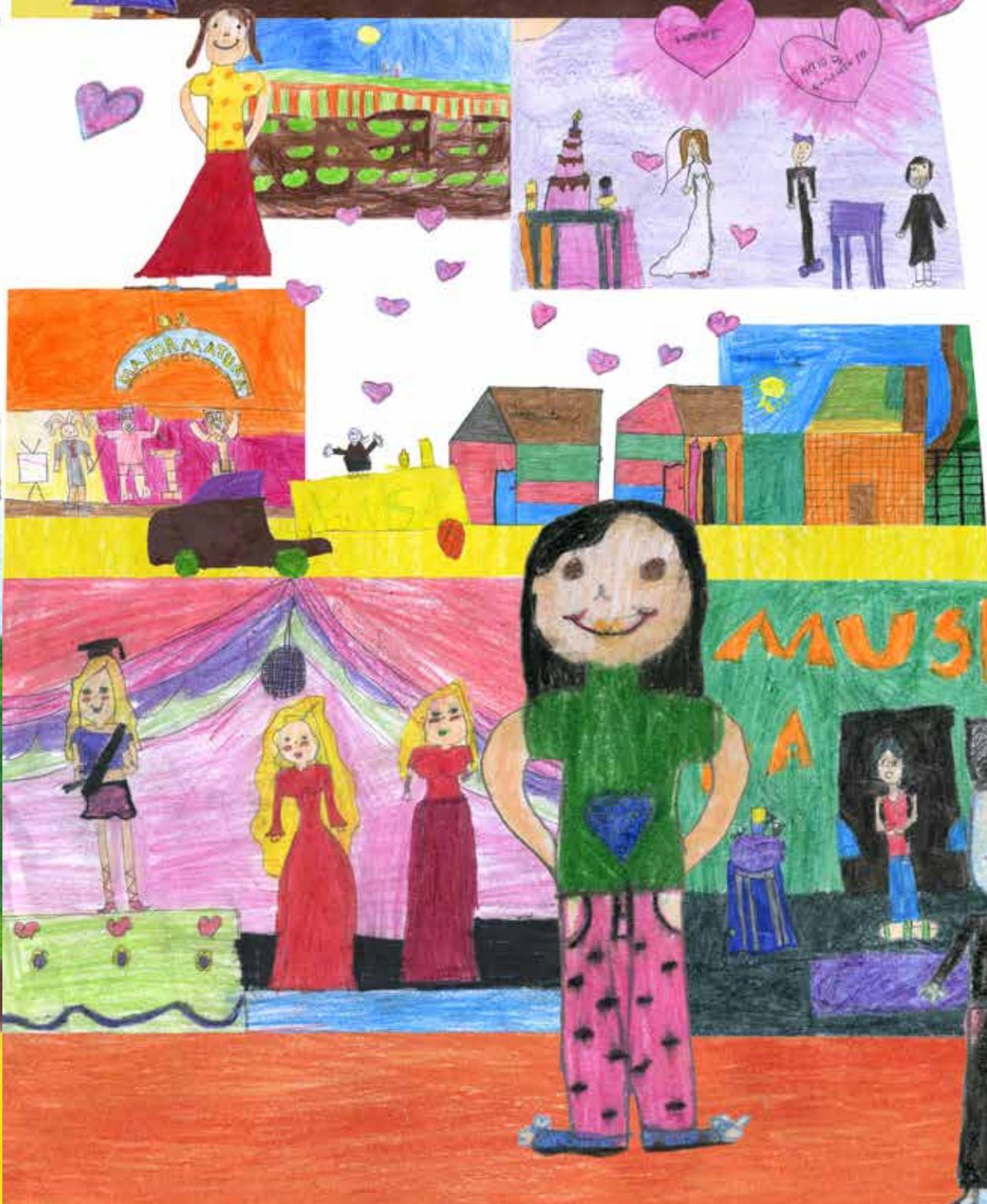
Um desses eventos, que me marcou muito, foi quando desfilei em cima do guincho de uma pá carregadeira da indústria de aguardente Caninha Guerbass.

A esposa do dono da fábrica, Dona Maria do Carmo, me convidou para participar do desfile naquele veículo. A princípio não queria, pois achava muito perigoso. Mas Dona Maria do Carmo, ainda assim, conseguiu me convencer e acabei participando do evento.

Não esqueço o medo que passei naquele dia, ao passar pela rua principal, sentada no guincho, onde o operador da máquina tinha que fazer os comandos de lá de cima e eu tinha que distribuir litros de aguardente para as autoridades presentes que estavam junto ao prefeito, prestigiando o desfile, no coreto da igreja matriz.

Dia inesquecível em minha vida.

Ivone Fani Guerbass, filha de Maria e Sebastião Fani, é natural de Birigui e nasceu no dia 25 de julho de 1958.



ADEMIR

Pão com mortadela

Eu morava no sítio com meus pais e irmãos. Para ir à escola na cidade, tínhamos que percorrer 7 quilômetros. Se tivéssemos sorte, conseguíamos carona na carroça de um vizinho; se não, marchávamos por todo o caminho, lavando os pés ao chegar à escola.

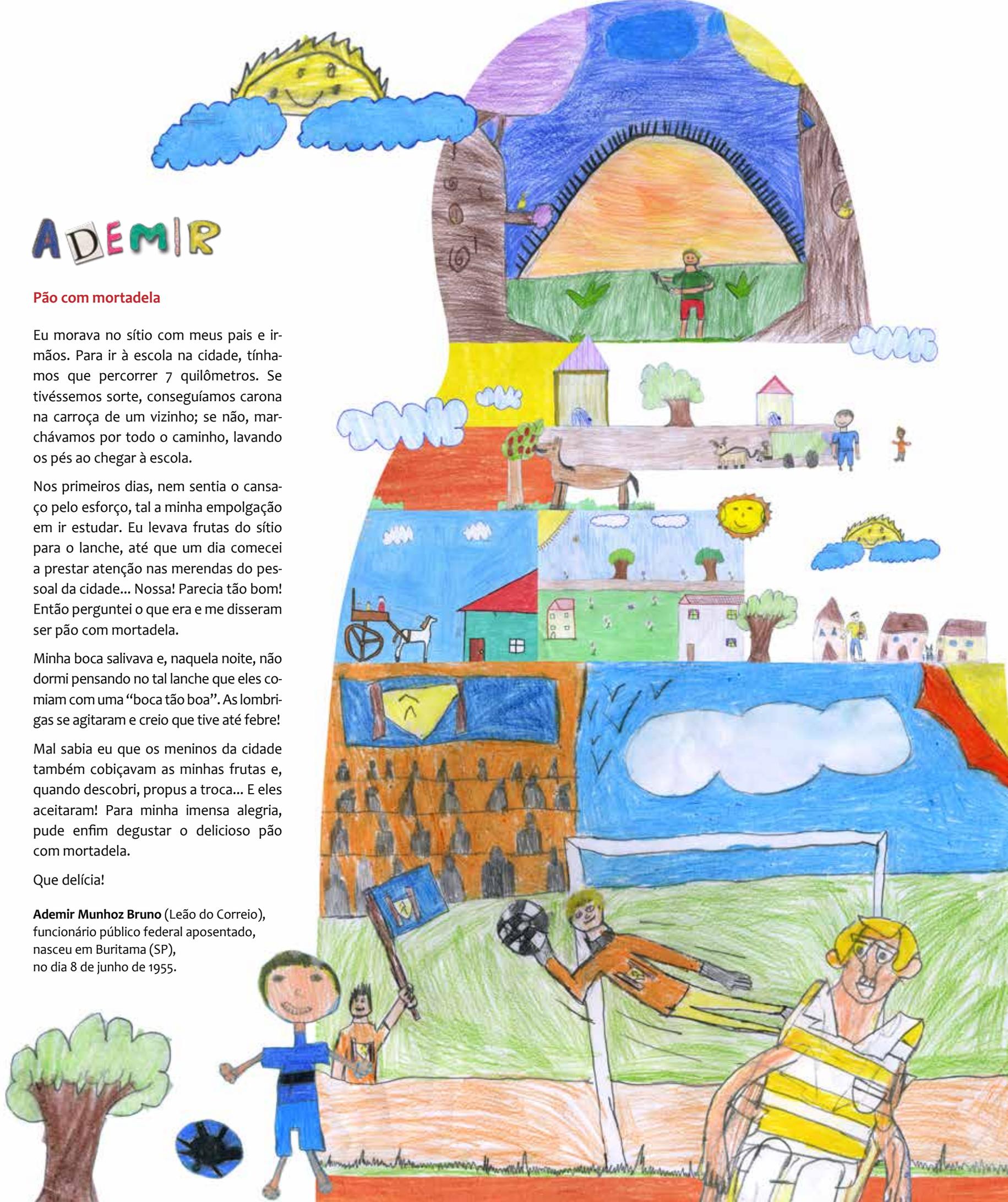
Nos primeiros dias, nem sentia o cansaço pelo esforço, tal a minha empolgação em ir estudar. Eu levava frutas do sítio para o lanche, até que um dia comecei a prestar atenção nas merendas do pessoal da cidade... Nossa! Parecia tão bom! Então perguntei o que era e me disseram ser pão com mortadela.

Minha boca salivava e, naquela noite, não dormi pensando no tal lanche que eles comiam com uma “boca tão boa”. As lombriças se agitaram e creio que tive até febre!

Mal sabia eu que os meninos da cidade também cobiçavam as minhas frutas e, quando descobri, propus a troca... E eles aceitaram! Para minha imensa alegria, pude enfim degustar o delicioso pão com mortadela.

Que delícia!

Ademir Munhoz Bruno (Leão do Correio), funcionário público federal aposentado, nasceu em Buritama (SP), no dia 8 de junho de 1955.





ANTONIO

Sonhos realizados

Eu sempre fui uma pessoa simples, vindo do campo, e sempre trabalhei com roça e gado. Estudei até o 4º ano, mas tive que parar os estudos para trabalhar com meus irmãos. Sei ler e escrever.

Um dos meus grandes orgulhos na vida foi quando, em parceria com meu amigo Rui, mais conhecido como “Rui do Maeto”, construímos uma creche. Minha iniciativa foi a doação de um terreno para a construção da obra. O Rui, que pensava muito adiante, posteriormente vendeu esse “lote”, comprou outros dois e começou a construção da creche, atualmente localizada no bairro Livramento. A instituição continua existindo até hoje e beneficia muitas famílias.

Também fui vereador de Buritama por dois mandatos, e outra obra importante de que participei foi a construção da igreja católica do Patrimônio da Santa, também no bairro do Livramento, em que inclusive o popular Tacilão (Otacílio Muniz de Freitas) contribuiu juntamente com outros na arrecadação de doações e festas beneficentes para a construção dessa paróquia.

Antonio Nogueira Gomes, buritamense e ex-vereador de Buritama, nasceu no dia 15 de fevereiro de 1950.

ANTONIO

Conhecendo minha identidade

Quando eu tinha 8 anos, fui para a escola pela primeira vez, com o meu irmão, que já fazia o 2º ano. A pé, de shorts, suspensório de pano, descalço, com um embornal nas costas, carregando apenas um lápis, uma borracha e um caderno.

Na Escola Álvaro Alvim, a diretora ficava num palco à frente dos alunos para fazer a chamada antes de entrar para a sala. E eu fiquei ali, tímido, quietinho, aguardando ser convocado junto ao meu irmão. E, assim, ela foi chamando os alunos, um por um, formando uma fila. De repente, ela começou a chamar: “Antonio Roldão, Antonio Roldão, Antonio Roldão!” e eu ali, parado, só observando o movimento. Nem me mexia, pois todos me chamavam por “Tonho”, meus pais me chamavam assim e era dessa forma que eu me identificava. Foi aí que meu irmão me puxou pelo cabelo e, me empurrando, levou-me até o centro do palco, dizendo: “Tonho, não tá vendo que estão te chamando, não?”

Envergonhado, tomei meu lugar na fila, meio sem entender o que estava acontecendo. Foi naquele momento que eu descobri a minha identidade, e que “Tonho” era só um apelido.

Antonio Roldão, natural de Nhandeara (SP), nasceu no dia 12 de fevereiro de 1945. Foi vereador na década de 1990, é pecuarista e avô.





MARIA DE LOURDES

Medo x humildade

Fiz escola normal e me tornei professora. Consegui aulas no sítio e ia para a escola de charrete alugada, até que arrumei dinheiro e comprei uma para mim. Eu mesma dirigia, mas tinha medo de ir sozinha, então meu pai pagava um menino para ir comigo.

Quando entrava na escola, o menino soltava o cavalo para pastar e ele ficava comendo os frutos das árvores.

Um dia, nós estávamos voltando para casa quando começou a chover muito forte, com raios e trovões (e esse é meu maior medo!). De repente, um raio caiu em frente à charrete! Ficamos muito assustados, descemos voando e vimos uma casinha a certa distância. Então corremos até lá, passando por debaixo de uma cerca de arame – o medo era tanto que nem lembramos que os arames atraem raios. Nisso o cavalo já tinha fugido com charrete e tudo.

Ao chegarmos na casa, vimos que era tudo bem simples e humilde. O que mais me impressionou, e lembro até hoje, é que a mulher não tinha uma toalha para que pudéssemos nos secar.

Para ir embora depois, pegamos carona em um ônibus de trabalhadores que estava passando.

Maria de Lourdes Gambera Frazatti, Duda, a condutora. Nasceu no dia 14 de dezembro de 1936, em Guararapes (SP).



LINA

Aerovelha

Por imposição dos meus pais, tive que ser professora, e isso me deixou bastante contrariada. O desejo de ser aeromoça se estendeu por toda a minha vida.

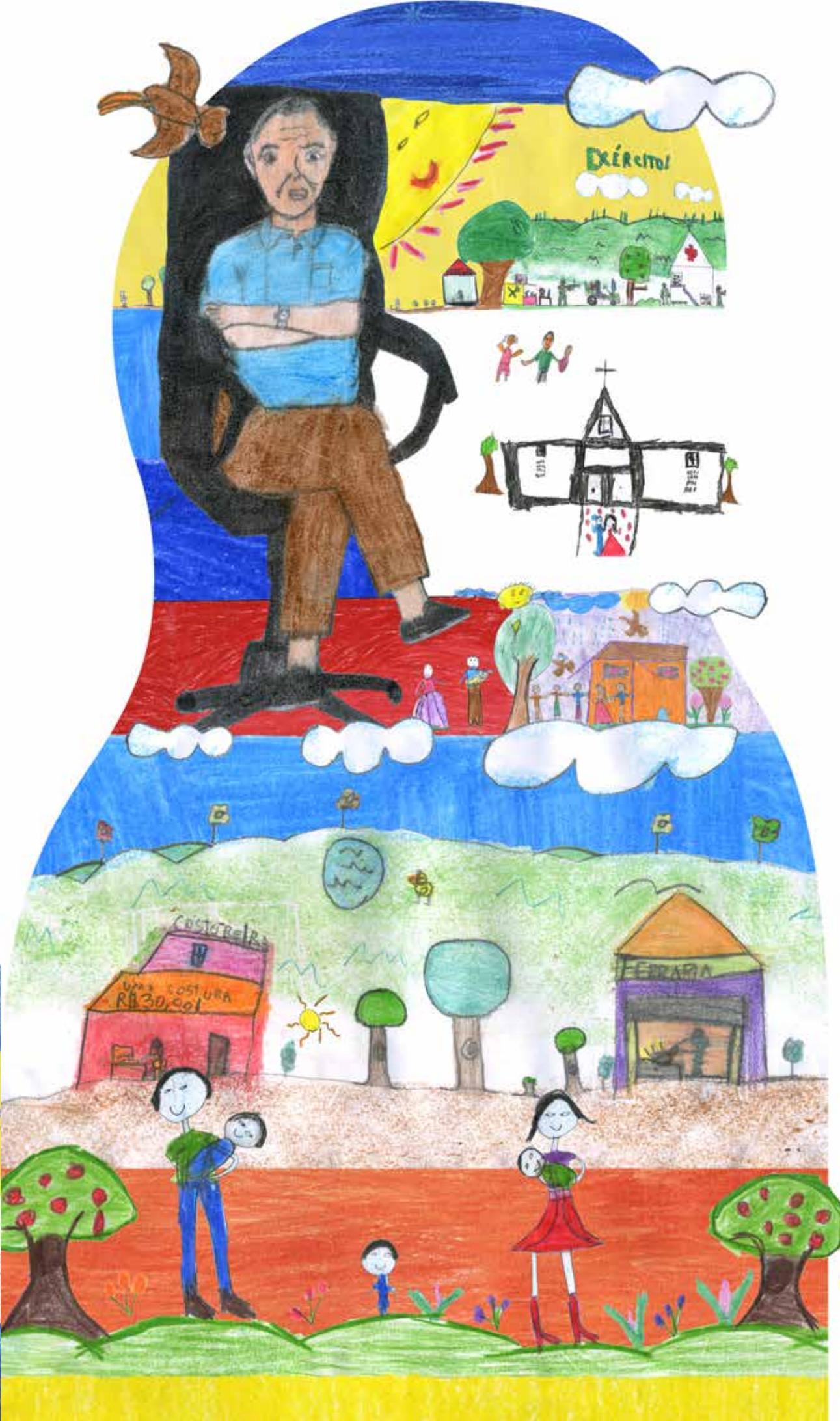
Passado muito tempo, já próximo dos meus 60 anos, tive o privilégio de fazer um curso de capacitação com as amigas de trabalho na cidade de Curitiba. Para minha surpresa, fomos de avião, o que seria minha primeira viagem.

Uma das minhas companheiras já sabia do meu antigo desejo de ser aeromoça, e soltou logo essa pérola: “Aeromoça que nunca andou de avião, se realizar esse desejo no dia de hoje, teremos a primeira aerovelha!”

Foram só risos.

Aparecida Lina Ferraz, professora e coordenadora, nasceu em Andradina (SP), no dia 20 de fevereiro de 1946.





EDEMIR

Tiro de guerra

No ano de 1956, com 17 anos, eu estava no meio do primeiro ano de magistério quando entrei para o tiro de guerra.

Éramos 160 soldados e dois tenentes eram responsáveis por 80 soldados cada um. Eu ia ao tiro de guerra de segunda a quarta-feira, após as aulas do magistério. Havia aulas práticas, teóricas e muitas marchas.

Meu chefe era o tenente Barbosa e, no primeiro dia, por cursar o magistério, fui nomeado cabo. Minha obrigação era fazer a chamada, mas os outros soldados não me respeitaram. Como castigo, o tenente obrigou todos a darem dez voltas no quarteirão se arrastando. E eu fiquei sentado vendo.

Certo dia, dez fuzileiros, incluindo eu, saímos para mais um exercício na mata e nos perdemos. Caímos em um rio e só depois de muito tempo que conseguimos chegar à base.

Era época da Segunda Guerra Mundial, mas não fui para a frente de batalha. Minha mãe não permitiu, queria que eu me formasse professor.

Saí do tiro de guerra com 19 anos, no dia 17 de novembro de 1958. Realizei o pedido da minha mãe e fui muito feliz na profissão que escolhi.

Edemir Stephani, professor dedicado e querido, é natural de Araras (SP) e nasceu no dia 30 de julho de 1939.





WILSON

Profissão de pai para filho

Eu sou um mestre de obra. Aprendi essa profissão com meu pai, que era carpinteiro. Mesmo com o passar dos anos e com a modernização das ferramentas para trabalhar na área de construção civil, ainda guardo comigo alguns instrumentos que eram usados por meu pai, como a grosa.

A grosa era utilizada para a construção de porteiras e portões, uma furadeira manual, pois na época não tinha energia elétrica, como para as ferramentas tão modernas dos dias de hoje.

Essa ferramenta, como outras, eu a tenho guardada como recordação do meu pai, para lembrar do passado, de onde tudo começou, pois hoje meu filho Wilson Carlos Batista Júnior também é pedreiro. É uma profissão passada de pai para filho nesta família.

Wilson Carlos Batista é natural de Sagres (SP) e nasceu no dia 12 de abril de 1960.

DARCI

Flores de sabugueiro

Certo dia, minha mãe pediu para meu irmão buscar algumas flores de sabugueiro, para fazer chá para nosso irmão caçula, que estava com sarampo. No caminho, um cachorro o atacou ferozmente, dando-lhe várias mordidas por todo o corpo. João ficou bastante ferido, mas, mesmo assim, chegou até a casa de nossa irmã, grávida de oito meses, para avisar-lhe do perigo.

João foi levado ao médico, onde tomou injeções em volta do umbigo, pois o cachorro podia transmitir raiva. O médico disse para nossos pais que João tinha chance de ficar bem com o tratamento, porém não poderia ter febre.

Infelizmente, não foi o que aconteceu, pois ele contraiu sarampo e depois de alguns dias, sendo os piores que já vivi, ele faleceu.

As flores de sabugueiro estão por aí e sempre que as vejo sinto aquela onda de dor e saudade invadir o peito.

Darci de Souza Cymbra nasceu em Buritama, no dia 15 de março de 1938.





LAZINHO

Novas estratégias

Trágico dia de 1900 e alguma coisa! Meu time jogaria bem no horário da aula, e eu jamais poderia faltar em um jogo tão importante.

A avaliação de inglês era nesse dia, e eu sempre me perguntava: para que aula de inglês se não sabia nem o português?

Tínhamos que fazer alguma coisa para irmos ao jogo, eu e meu amigo Osvaldo.

Então surgiu a ideia: adiantaríamos o relógio da escola para sairmos uma hora antes. Relógio no ponto, prova em riste e tudo sob controle. Quando menos espero, o sinal toca, minha prova em branco e o professor perplexo. Meu Deus! Todos entregando, e a ideia que tive foi colocar a prova na bolsa. Resolveria o problema amanhã.

Escola inteira na rua, chuteira na mão e time campeão.

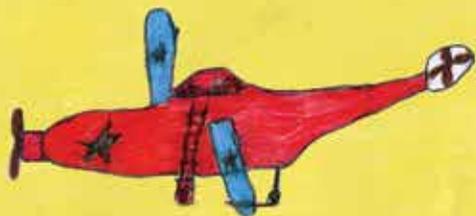
O outro dia chegou. Seu Antenor começou a entregar as provas e perguntou se alguém tinha ficado sem. Fiquei angustiado com o grito de Ana: "O Lazinho!"

Antenor falou:

- Lazinho, inclusive vi sua prova, me recordo que foi bem.
- Lógico, estudei o dia todo.
- Uns nove tá bom?
- Acredito que tiraria dez.
- Tudo bem.

No final da história, tirei nota máxima, mas descobriram a confusão do relógio e levei suspensão. Tive três dias para pensar na estratégia que usaria para a próxima prova.

Lazinho Alves da Costa nasceu em Mirassolândia, no dia 30 de agosto de 1936. É professor e diretor na Escola Estadual Álvaro Alvim.



PROMISSÃO







Cafu

Uma partida de futebol

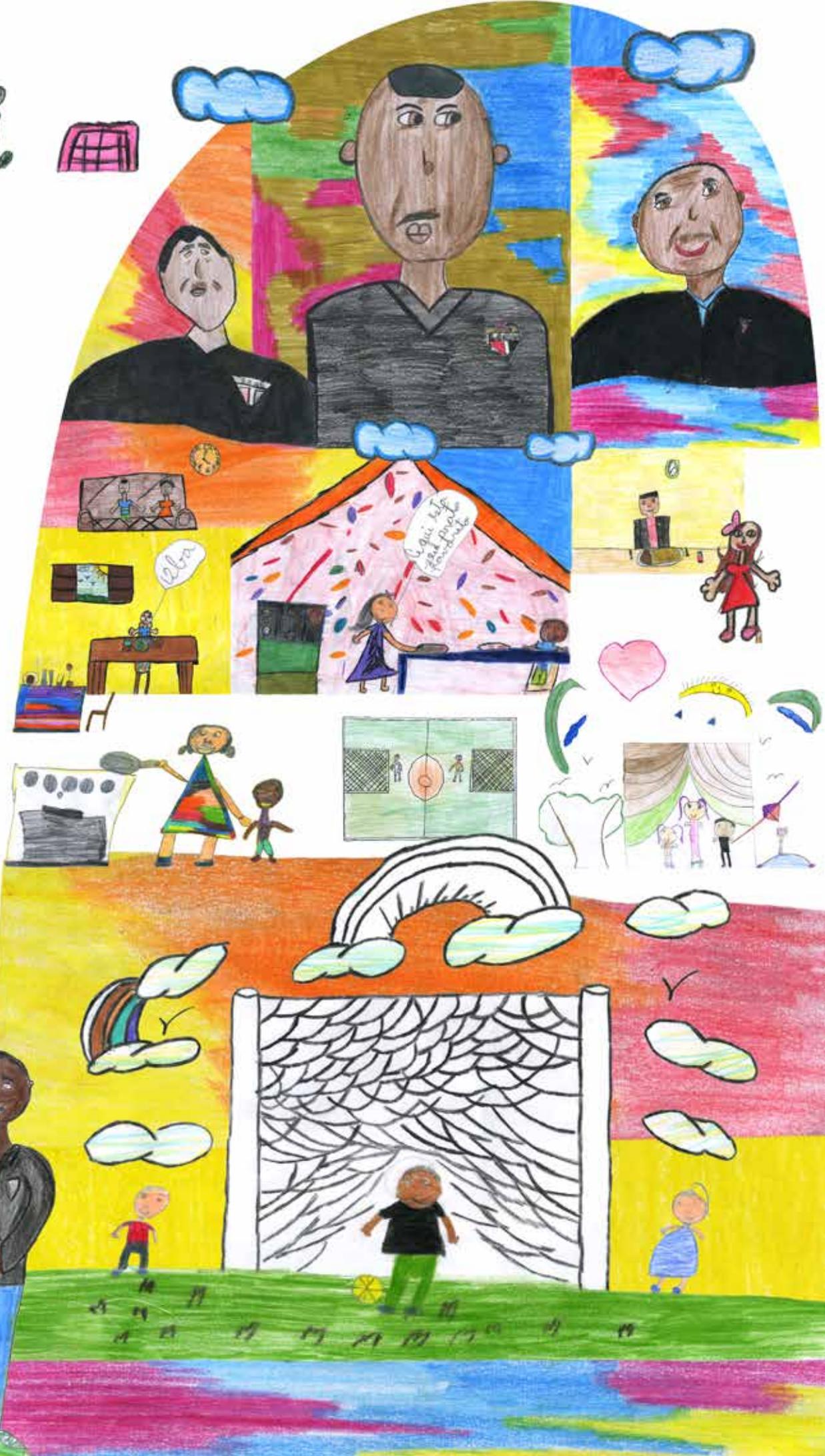
Carlos Januário, conhecido como Cafu, quando ainda era pré-adolescente, foi até a quadra da escola onde seus colegas todos os dias jogavam futebol, mas ele mesmo só observava. Ele estava torcendo quando foi chamado por um deles para participar. Seus olhos brilharam, e o coração bateu mais forte, pois o que ele mais queria era ser jogador de futebol!

Começou treinando e chegou a jogar pelo time Atlanta de Guararapes. Mas precisou interromper sua trajetória, pois sua família se mudou para o município de Promissão, onde começou a trabalhar para ajudar no sustento de sua casa.

Não desistiu. Mesmo trabalhando, conheceu José Eduardo (Zé Love), que estava começando a jogar futebol em times de grandes cidades. Ele o convidou para conhecer o time dos Santos, e lá estava o Neymar, entre outros jogadores.

Pensou como alguém teria enxergado oportunidades e o potencial de mudança que existe dentro de cada um desses jogadores, por isso resolveu ser treinador voluntário de futebol de crianças de 6 a 12 anos. Hoje, percorre as escolas do município fazendo uma importante parceria com elas.

Carlos Januário (Cafu) nasceu no município de Guararapes (SP), no dia 17 de dezembro de 1953.





APARECIDO

A sonhada bicicleta

Como toda criança da década de 1940, Aparecido Luís tinha um enorme desejo de ganhar uma bicicleta.

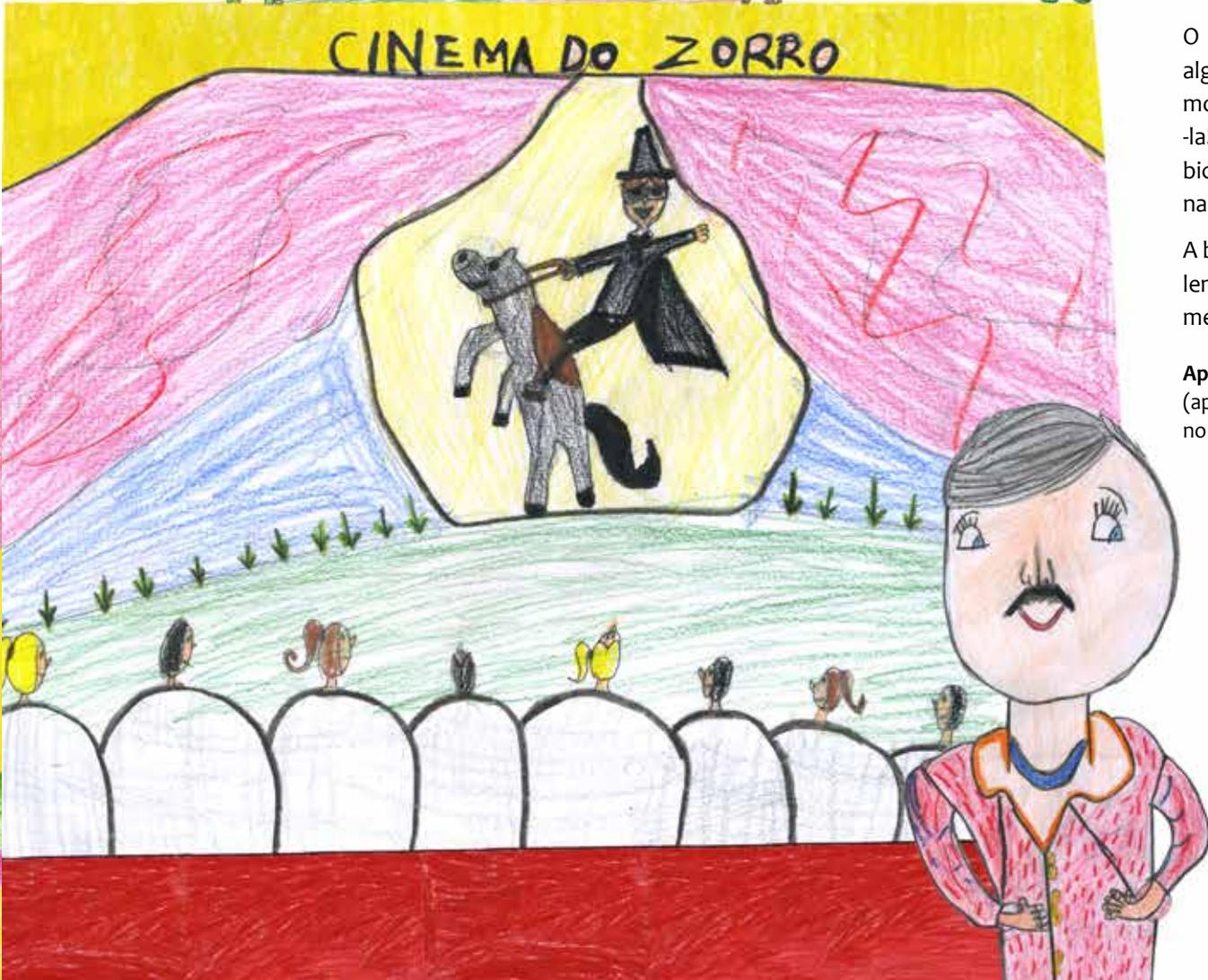
Seus olhos brilhavam quando algum garoto passava por ele andando com uma. De tanto pedir, seu pai, com muito esforço, comprou uma importada da Inglaterra, dividiu em dez pagamentos e lhe deu a tão sonhada bicicleta.

Ela era preta, um sonho de consumo. Com ela, o menino passeava pelos arredores da antiga rodoviária e pelo Hotel Esplanada.

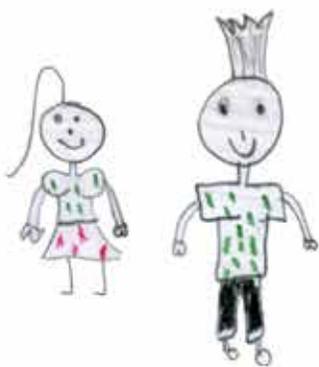
O ciúme que tinha de sua bicicleta era algo incomparável. Ninguém, nem mesmo o melhor amigo, podia sequer tocá-la! Para descer a calçada, ele descia da bicicleta e a levantava do chão para que nada acontecesse com ela.

A bicicleta preta de Aparecido é uma das lembranças mais queridas que lhe vêm à mente quando o assunto é infância.

Aparecido Luís Cavicioli, contador (aposentado), nasceu em Pirajuí (SP), no dia 4 de junho de 1941.



MIGUEL



Sobre meu pai

Além de ser alfaiate, meu pai sempre foi político – isso é importante dizer, contribuiu voluntariamente para a cidade. Antigamente, as pessoas trabalhavam sem ganhar nada, por amor. Ele foi presidente da Comissão de Esportes, fazia toda a parte de esportes do município. Foi vereador, presidente da Câmara.

Foi também um dos fundadores do primeiro clube, referência da região, o PEC (Promissão Esporte Clube). Hoje, esse patrimônio está praticamente abandonado, mas antes era tudo muito bonito, atraía pessoas de toda a região. Infelizmente, com o passar do tempo, os associados foram se afastando e o clube se deteriorando. De qualquer maneira, o PEC foi um marco para a cidade, e meu pai, juntamente com um grupo de amigos, teve a satisfação de fazer parte dessa história.

Meu pai teve atuação ativa na área de esportes e hoje existe um estádio que leva seu nome, uma homenagem por sempre atuar e auxiliar nessa área, o Estádio Municipal Verano Piromalli.

Volto a dizer: naquela época, as pessoas trabalhavam pela cidade porque gostavam, não para ganhar dinheiro ou como uma profissão.

Miguel Ricardo Piromalli Lopes nasceu no dia 28 de agosto de 1960, em Promissão (SP). Bancário aposentado, também teve carreira como servidor público e é dono de uma belíssima voz!





ivA

A luta para ter um cantinho onde viver

Ivan escutou no rádio: “Pretendente de terras de reforma agrária que quiser entrar no plano do governo, compareça na rádio com seus documentos para participar de uma triagem de classificação.” No dia seguinte, correu para fazer sua inscrição. Lá, o orientaram a trazer seus documentos, perguntaram se ele trabalhava com terra e se tinha ferramentas que comprovassem isso. Após realizar a inscrição, foi feita a triagem.

Foram chamando as pessoas com “pontuações mais altas”, e Ivan acompanhava a lista, cada dia mais perto de seu nome. Foi então que sua cunhada, já assentada, falou que um funcionário do Incra tinha mandado um recado para que ele comparecesse no escritório, pois havia três lotes livres e nove pretendentes na lista de espera. Os lotes seriam sorteados.

Foi feito o sorteio dentro do chapéu. Quando falaram seu nome e o lote 44, Agrovila Central, Ivan ficou doido para conhecer o seu cantinho!

A terra estava cheia de “pé de leiteiro”, com o mato muito alto e não tinha energia elétrica, porém ele estava feliz. Com um pouco de trabalho, e vontade de trabalhar não faltava, seu sítio ficaria do jeito que sempre sonhou.

Ivan Diniz Lopes, agricultor, nasceu no dia 21 de fevereiro de 1954, em Nova Granada (SP). Em seu depoimento contou como foi a luta para conseguir um lugar para viver.

JOSÉ

A paquera

Tudo começou por causa do caminho.

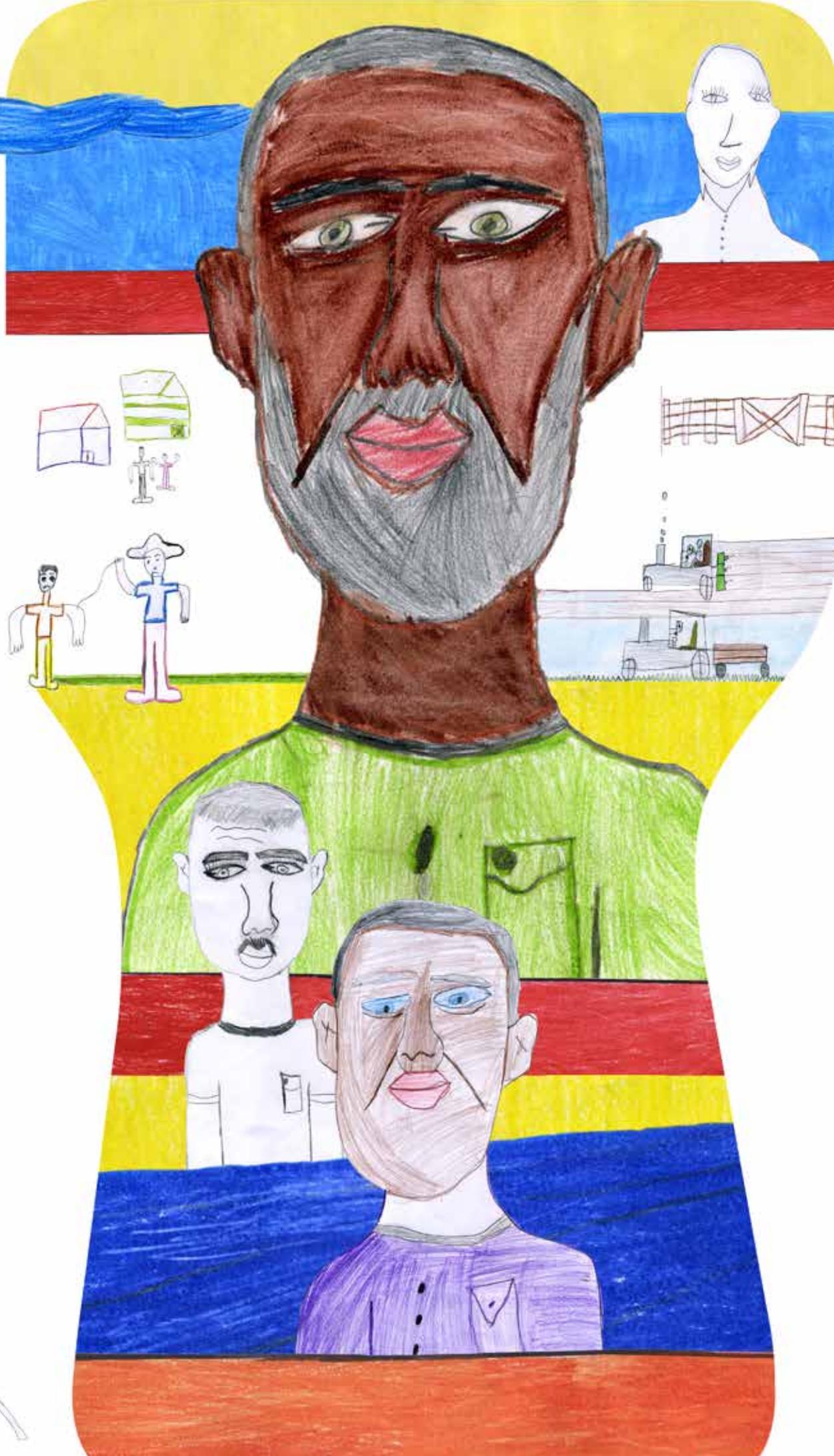
Eu trabalhava em uma fazenda que fornecia tomates para uma grande indústria. Todos os dias, na volta do serviço, passava pelo mesmo caminho onde havia uma casa, com uma janela que dava para a rua e uma moça bonita que lá sempre estava. Nossos olhares se encontravam, e então começamos a paquera.

Nos fins de semana, não ia trabalhar, mas, mesmo assim, pegava meu fusca e fazia o mesmo caminho. E lá estava ela a me esperar. A paquera virou namoro, como mandava o figurino – pedir a mão e esperar pela aprovação de seus pais.

Tudo deu certo, fui aceito, o namoro virou noivado e logo veio o casamento.

O tomate fez parte de nossas vidas por muito tempo e a plantação é a nossa paixão até hoje...

José Jacomasse, escriturário, nasceu no dia 1º de junho de 1955. Natural de Sales, São Paulo. É conhecido como o Seu Zé, o homem dos apelidos e amigo das crianças!





CONCEIÇÃO

Casa da infância

A casa era muito simples e humilde, feita com pau a pique, revestida de barro, chão de terra batida. O colchão era de palha e precisava ser afogado antes de dormir. O banheiro era uma fossa, ou seja, um buraco forrado por madeira, apenas com um quadrado para fazer as necessidades.

Não gostava de usar a fossa, pois tinha medo de cair.

A água da casa era retirada do poço com ajuda de um sarilho; era muito suja, cheia de barro, muitas vezes por causa das batidas do balde na lateral do poço. Nos dias de chuva, molhava muito dentro da casa, o barro se soltava das paredes e, com a iluminação dos raios, se olhava o lado de fora pelos buracos, e assim vinha o medo.

Achava que havia fantasmas do lado de fora da casa.

Seu pai criava porcos e, quando os abatia, fritava toda a carne e a armazenava dentro da própria banha para conservação. E sua mãe cozinhava no fogão a lenha, que ela e os irmãos recolhiam pelo sítio onde moravam.

Conceição da Silva Silveira nasceu no dia 25 de janeiro de 1956, em Mirante do Paranapanema (SP). Pessoa de carisma e entusiasmo pela vida e pelas pessoas.





FERNANDA

De criança arteira a professora

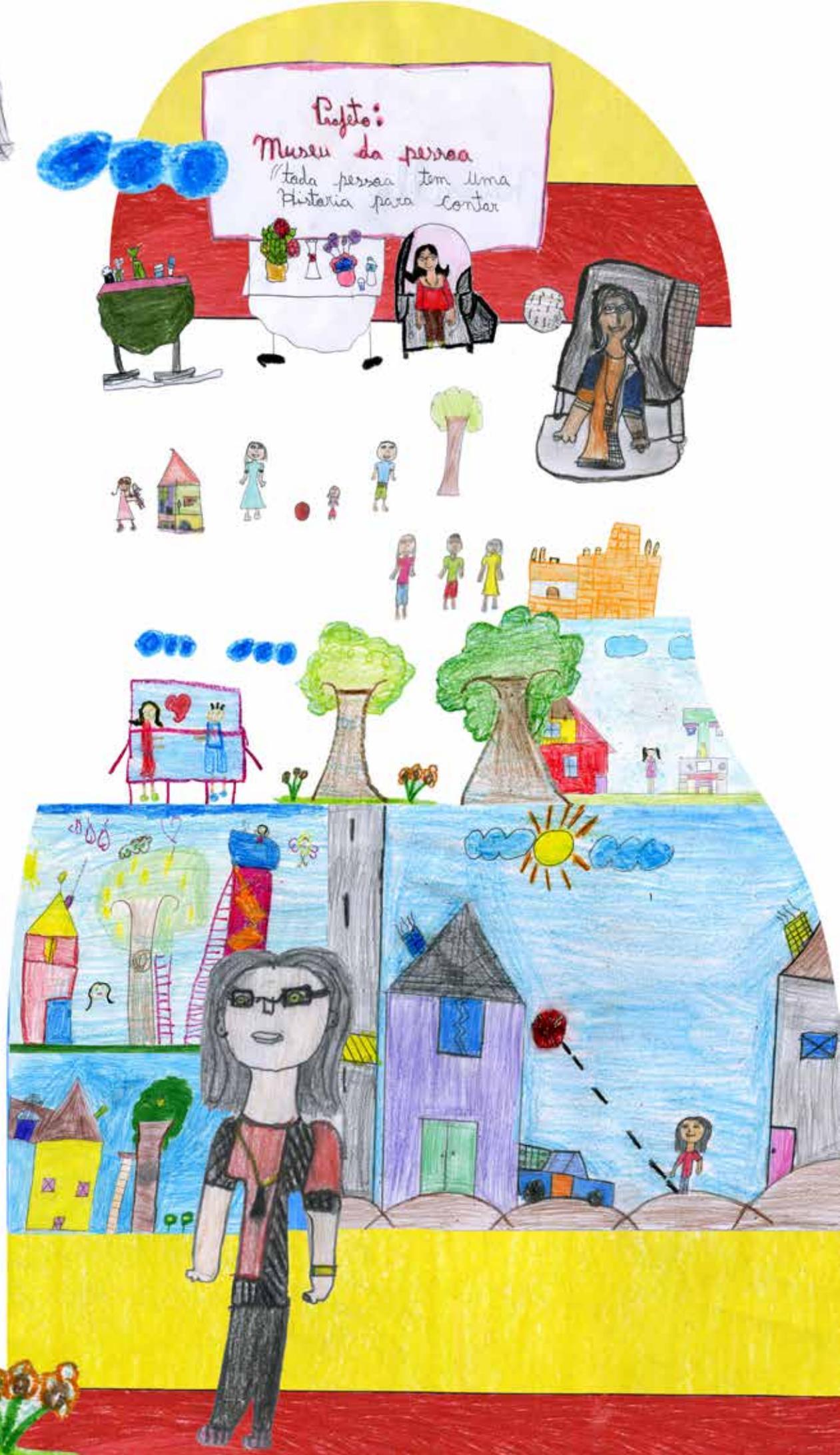
Dona Fernanda fez uma arte de que nunca mais se esqueceu. Certo dia, estava brincando no quintal de sua casa e, como adorava subir em árvores – especialmente nas mais altas!, num faz de conta de “trapézio de circo” – subiu na mangueira e lá ficou por um bom tempo, até que seu pai a chamasse para tomar banho. Ela nem ligou.

Mais tarde resolveu que se banharia por ali mesmo, na caixa d’água que ficava bem pertinho do pé de manga; então, “tibum!” Pulou do galho direto para dentro d’água. Chegou em casa toda molhada. Seu pai, que era muito bravo, ficou uma onça e ela levou uma bela surra!

Ela adorava brincar de fazer comidinha em fogões montados com tijolos de construção imitando o jeito de sua mãe, e o quintal de sua casa era perfeito para suas brincadeiras. Um dia, jogando bola com suas amigas, chutou-a com tanta força que quebrou a janela do vizinho, e mais uma vez teve que “conversar” com seu pai...

Entre vidraças quebradas e palmadas levadas, ela cresceu. Guardou no coração o sonho de ser médica e formou-se professora. Optou por ensinar crianças com dificuldade de aprendizagem e, assim, trilhou seus 50 anos de magistério.

Fernanda Augusta Massari Qader nasceu em Inhapim (MG), no dia 10 de julho de 1947. Tem 70 anos e há 50 atua como professora no município de Promissão.





TEREZINHA

Caçando borboletas e passarinhos

A Avenida Pedro de Toledo, da cidade de Promissão, era completamente diferente do que é hoje.

Quem a conhece atualmente não imagina que no passado era só mato. Havia muitas árvores, poucas casas, cobras, tatus e muitos outros bichos. As crianças viviam livres, andavam por todo lado e ninguém tinha medo.

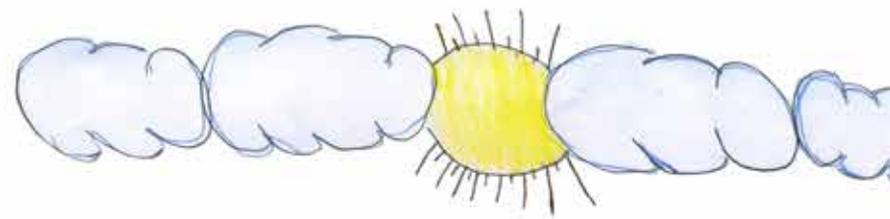
Nesse lindo lugar, Terezinha, uma menina cheia de encanto e alegria, se divertia com seus amigos. Como não havia a tecnologia que existe hoje, aproveitava as coisas que a natureza oferecia para brincar. Quantas árvores para subir, quantos esconderijos e imaginação!

A brincadeira de que mais gostava era caçar borboletas e passarinhos, mas amava a natureza e não matava os bichinhos. Cuidava e os deixava em liberdade no fim da brincadeira.

O tempo passou e Terezinha continua brincando e protegendo o meio ambiente. Participa ativamente de uma ONG chamada Olho d'Água, onde ensina e conscientiza a população sobre a importância do cuidado e da preservação do meio ambiente.

Terezinha de Jesus Volpe nasceu no dia 20 de julho de 1940. Ambientalista e voluntária. Exemplo vivo de fé, doação e amor. Grande experiência de vida!





WILSON

Entregando à vida

Para ir em missões ao Haiti, tem que ser voluntário, e um dia surgiu uma vaga na minha área para ir até lá.

Eu sempre trabalhei na enfermaria do Exército, mas lá era pequeno e cuidava somente de soldados. No Haiti teria de cuidar de civis, e logo de cara, quando cheguei, veio uma grávida. Eu nunca tinha feito um parto. Naquele momento, senti desespero, principalmente quando a mulher começou a andar de um lado para o outro e, de repente abaixou num canto e o neném começou a nascer. E eu estava lá para pegar aquela criança! Então foi um momento de muita alegria e muito medo também. Depois desse, foram mais dois partos que fiz por lá.

Meu maior sonho é poder ter 200 crianças participando do grupo de escoteiros. Sei que não é fácil, porque para ser escoteiro é preciso seguir regras e ter muita disciplina, mas sei que um dia será possível.

Wilson Borsato dos Santos nasceu no dia 3 de junho de 1966, em São João do Caiuá (PR). É chefe dos escoteiros de Promissão, aposentado do Exército e atualmente “dono de casa”.

JOSÉ

Filé

José Alves da Silva nasceu no município de Penápolis, mas sempre morou em Promissão. É uma pessoa muito conhecida na cidade por trabalhar muitos anos no mesmo banco e por fazer parte do grupo dos vicentinos da Igreja Católica.

Porém, se perguntar para os moradores de Promissão se alguém conhece o Senhor José Alves da Silva, ninguém saberá responder quem é. Agora, se perguntar pelo Senhor “Filé”, muitos com certeza o conhecem.

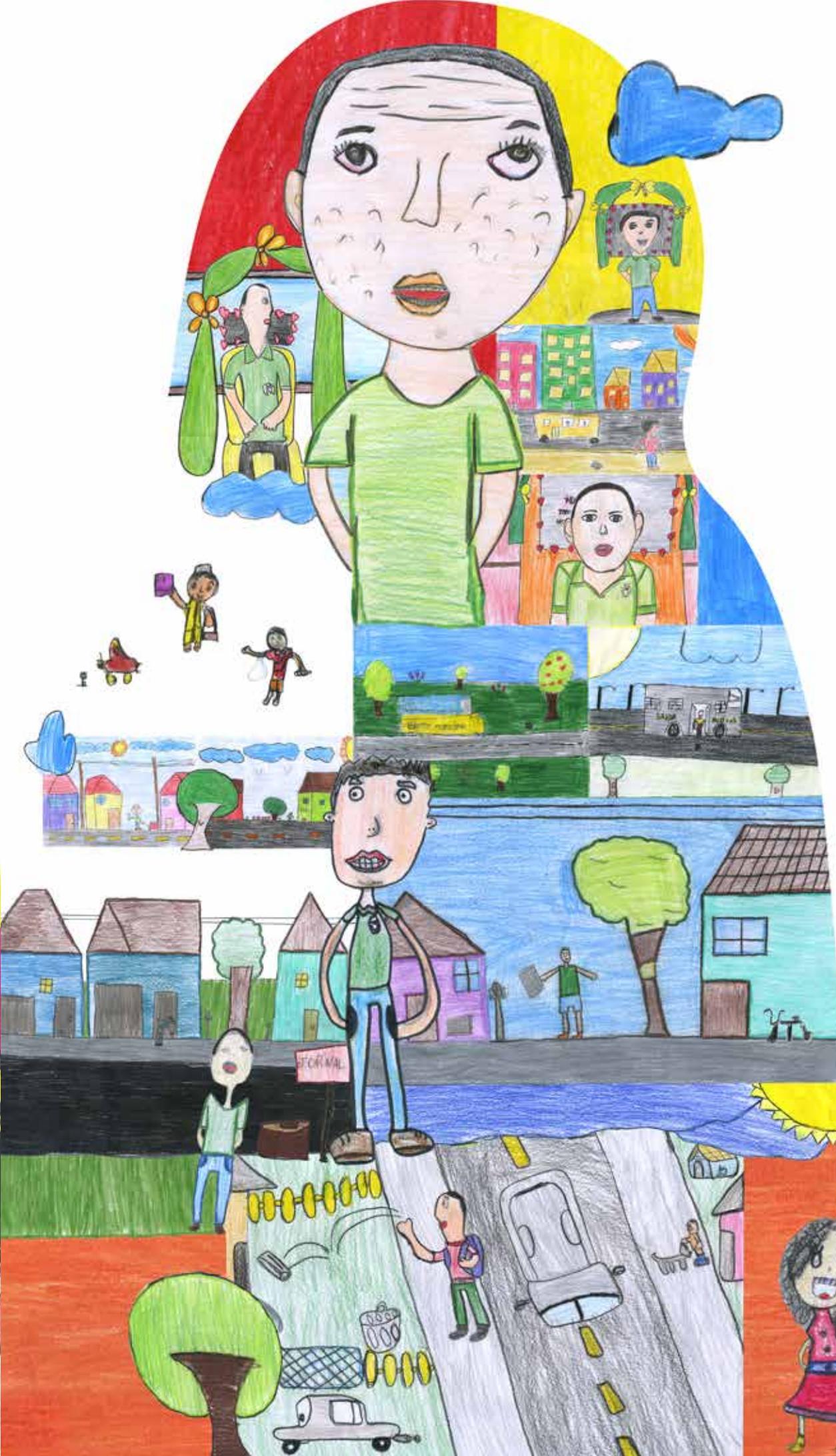
Quando ele ainda era uma criança, com a idade de 12 anos, trabalhava no comércio da cidade. Ele engraxava sapatos, vendia laranja, picolé, bolo e também coxinha.

Mas, quando começou a vender coxinhas, a clientela perguntava: “É coxinha do quê”? E ele sempre respondia: “de filé”. E todas as vezes que os clientes perguntavam sobre as coxinhas, a resposta era sempre a mesma: “de filé”. Os clientes então gostaram e começaram a falar: “Lá vem o Filé!”. A partir daí, o apelido pegou.

O tempo passou e muitas coisas aconteceram. Ele se casou, tem filhos e netos.

José Alves da Silva (“Filé”), bancário aposentado, nasceu em Penápolis no dia 2 de agosto de 1954.





EDMIR

O maestro Bia e uma bela ação

O maestro Bia estava indo fazer uma apresentação com sua banda na cidade de Penápolis. No caminho, passou por Avanhandava, uma pequena cidade. O ônibus que os levava parou no quebra-molas, e então ele avistou uma carteira. Pediu para o motorista parar para pegá-la. Abriu-a e dentro havia bastante dinheiro, uma passagem de avião e até dólares.

Como estava perto do horário da apresentação, resolveu seguir viagem e, na volta, procuraria seu dono.

No retorno do espetáculo, o maestro parou num posto de combustível para perguntar sobre a carteira. E assim ficou sabendo que o senhor morava um quarteirão acima do posto.

O maestro Bia combinou com a banda que, para entregar a carteira, iriam tocar na frente de sua casa e surpreender a todos. E assim foi feito. Ao som da fanfara, o senhor, assim como seus vizinhos, saiu para ver o que acontecia. Quando acabaram de tocar, ele disse: “Vim entregar um presente ao senhor.” Surpreso, o velho homem perguntou: “Qual?” Quando viu que era sua carteira, aquela que havia posto em cima do capô do carro, não se conteve de tanta gratidão.

Em forma de agradecimento, pagou lanche para a turma toda da banda, que estava faminta!

Edmir Brito, conhecido como mestre Bia, nasceu no dia 3 de dezembro de 1964.

CÉLIA

Paraninfa da turma de 1987

De família simples, Célia teve uma infância feliz. Gostava de brincar com seus amigos; utilizava elementos da natureza, como sabugos de milho, para construir seus brinquedos e também fazia bonecas de pano com retalhos.

O tempo passou e Célia se formou em Magistério. Como professora, lecionou em várias escolas, dentre elas Donda, Coronel e Navas. Guarda com carinho a história de inúmeros alunos que ainda hoje fazem questão de cumprimentá-la e agradecê-la por todos os ensinamentos. Também se orgulha por alguns terem seguido seus passos e por conquistarem uma trajetória de sucesso na Educação: Lucimeri Parra, dona da escola Lápis de Cor e Anglo, Ângela Zanuto, professora de Língua Portuguesa na Escola Orlando Donda, Andréia do Carmo, coordenadora da Escola Miguel Couto, sendo essas estudantes de Magistério na Escola Navas, da turma de 1987, da qual Célia foi paraninfa.

Após se aposentar, resolveu continuar trabalhando voluntariamente, ajudando pessoas com câncer. Para ela, o trabalho voluntário realizado é um momento sublime, ao qual se dedica com carinho e amor ao próximo.

Célia Martineli, professora aposentada e voluntária na Rede de Combate ao Câncer, nasceu em Pirajuí (SP), no dia 25 de novembro de 1934.





SUELI

Toda pessoa deve ter um lugar para morar

Certo dia, chegou ao conhecimento de Sueli que um casal de irmãos havia acabado de ficar órfão de pai e mãe. Imediatamente, ela ficou sensibilizada a ponto de ter uma ideia em que jamais havia pensado: construir um abrigo.

Procurou um grupo de amigos que fazia sopa para pessoas necessitadas e, desse encontro, surgiu a ideia de se juntarem com a Defesa Civil e montar essa casa.

Batalharam muito para conseguir e não desistiram, pois sabiam que, atrás do casal de crianças, muitas outras viriam para ser resgatadas, e que a cada dia eles abrigariam mais meninos e meninas desamparados de carinho, atenção e alimentação.

Sueli Bertelli, professora e presidente do Lar da Esperança, nasceu em 9 de agosto de 1950.

CARMELITA

De volta aos livros

Apaixonada por educação, Dona Carmelita guarda em sua memória um trauma.

Quando ainda estava na 1ª série, sua professora lhe perguntou, em uma aula de matemática, qual seria o valor de 7×7 . Ela não soube responder e, por isso, apANHOU com a palmatória.

Nessa escola, estudou até a 2ª série. Ao passar para a 3ª série, teve que deixar um dos seus maiores sonhos de lado: estudar. Carmelita teve que sair do colégio para trabalhar na roça e, assim, ajudar nas despesas da casa.

Cresceu, casou-se, teve filhos e nunca perdeu a esperança de retomar seus estudos. Voltou à escola depois de aposentada e finalizou o 5º ano em um curso de Educação de Jovens e Adultos no Assentamento de Promissão.

Continua a estudar e é aluna frequente do 6º ano supletivo. Adora ler e resolver desafios. Sonha em finalizar seus estudos e frequentar uma faculdade.

Carmelita Maria dos Santos Ribeiro, aluna dedicada e cheia de criatividade, nasceu no dia 15 de dezembro de 1948, na cidade de Livramento, Bahia.





MARIA DE LOURDES

A luta nunca para

Antes de mudar para Promissão, Maria de Lourdes viveu na cidade de Campinas, onde foi sindicalista. Ser mulher nunca a impediu de reivindicar direitos. Já participou de diversas paralisações e até já cortou pneus de caminhões que tentaram passar pelos bloqueios.

Tem orgulho de sua luta por igualdade. Acredita que a população deve ser respeitada, que há deveres a serem cumpridos e direitos a serem cobrados. Um dos seus sonhos é que cada ser humano tenha um pedaço de chão, um lar e que viva de maneira digna.

Ao vir morar no Assentamento de Promissão, precisamente na Agrovila Campinas, trouxe consigo sede por justiça. Está completando neste ano 30 anos de convivência com seus parceiros de lutas e conquistas.

Maria de Lourdes Pereira nasceu em Muriaré, no dia 2 de dezembro de 1954. É agricultora e líder sindical e continua lutando pelo bem do próximo.



Maria

A delegada do Gurupá

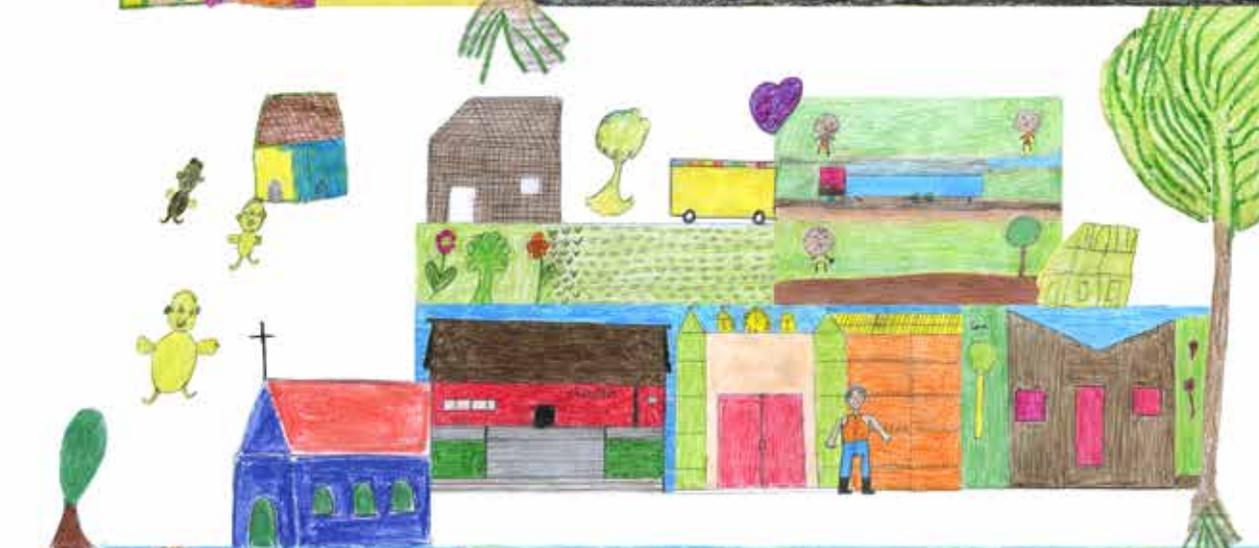
Quando adolescente, foi doméstica e babá; quando teve oportunidade, passou a trabalhar como cozinheira na escola. Dedicou-se e tornou-se telefonista e cartorária do distrito.

A ela cabia receber contas de água, luz, telefone, imposto e fazer as funções de delegada. Tudo era na sua casa. Se ocorria alguma briga entre casais, era ela quem tinha de acudir. Tomava conta do Gurupá. A população a chamava de delegada, de prefeita, porque até coisas do cemitério eram por sua conta.

Muita coisa mudou de lá para cá. Antigamente não tinha energia, água encanada, asfalto. Agora tem tudo, até posto de saúde com médico, que vai duas vezes por semana.

Seu sonho é morar em São Paulo e diz que, se morrer sem morar por lá, vai dar trabalho para São Pedro!

Maria Zaplana Morellis nasceu no dia 16 de dezembro de 1946, em Santa Maria do Gurupá, Promissão (SP).



João

Assentado? Sim, com orgulho!

Tinha prazer em acompanhar o pai nos trabalhos rurais quando criança. Ele cortava cana para o gado. Foi com ele que aprendeu as principais atividades que hoje geram sua renda. Aprendeu a serrar lenha e também a pescar. É pescador profissional, proprietário de um pesqueiro, aluga barcos para pesca e também tem uma carvoaria.

João Balbino foi um dos primeiros líderes do Grupo 44, assim chamado porque era formado por 44 famílias. Também conhecido como “Lei do Mato Grosso”. Ficaram um bom tempo acampados na beira da pista, e ele viajou bastante a São Paulo em busca de doações e apoio de entidades.

No acampamento, recorda que havia uma cozinha comunitária onde seis mulheres cozinhavam para todos. Lembra também que, no início, muitos comerciantes baixavam suas portas receosos com a presença deles. Mas com o tempo, tudo mudou.

Hoje, o assentamento é visto como um lugar de passeio, onde, além de diversões e passatempo, encontra-se uma diversidade de alimentos, como feijão, outros legumes, frutas e leite. Tudo que se procura acha. Uma riqueza de diversidade, do qual tem muito orgulho.

João Balbino Paulino nasceu no dia 28 de outubro de 1951. É um dos assentados da Fazenda Reunidas de Promissão. Ama pescar e proporcionar alegrias àqueles que buscam aventuras em seu pesqueiro.





Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente

Karen Worcman

Direção Executiva

Sônia London

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Buritama

Secretária

Vania Cristina Frazatti Gambera Dias

Escolas Participantes de Buritama

EMEF do Bairro Nossa Senhora do Livramento

Professores

Acácio Gomes Silva – 4º ano F
Ana Paula Fernandes da Silva – 4º ano B
Deusa Medeiros Cymbra – 3º ano G
Izabel Regina Pimenta Bueno – 4º ano D
Izildinei de Moraes Abila – 5º ano A
Luana Silva – 3º ano E
Maria Eugenia de Almeida – 3º ano B
Maria Laís Ferranti – 3º ano D
Maria Regina Pereira de Castro – 5º ano B
Rosângela Ferreira Pereira – 3º ano C
Rosi Franco da Silva – 4º ano E
Shirley Aparecida Prima – 5º ano E
Valéria Tonchis Ferreira – 5º ano C
Vânia Cristina Frazatti Gambera Dias – 5º ano D

Diretora

Renata Cristina Watanabe de Almeida

Coordenadora

Hilda Magalhães Antonio

EMEF Maria do Carmo Cunha Guerbas

Professoras

Carmen Aparecida Gonzales – 4º ano C
Helenita Cristina Maciel – 4º ano B
Milene Fernandes Teixeira – 3º ano B
Sabrina Alzira Carvalho Sanches – 5º ano C
Sandra Maria Manzali de Oliveira – 5º ano A

Coordenadora

Ana Paula Mendes

Deponentes de Buritama

Ademir Munhoz Bruno (Leão do Correio)

Alcione Aparecida de Souza

Antonio Nogueira Gomes

Antonio Roldão

Aparecida Lina Ferraz

Armando Pariz

Benedito Faria de Oliveira

Cleuza Maciano Silva

Darci de Souza Cymbra

Edemir Stephani

Ivone Fani Guerbas

João Fernandes da Silva

João Nogueira Sanches

José Antonio Sobrinho

José Roberto de Moraes (Tio Bolinha)

Lazinho Alves da Costa

Maria de Lourdes Gambera Frazatti

Nelson José Feroldi

Paulo Antonio Duarte

Wilson Carlos Batista

Secretaria Municipal de Educação de Promissão

Secretária

Daniela Patrícia Leme Franco Augustinho

Supervisor de Ensino

Priscila Puga Bader Santos

Coordenação pedagógica Municipal

Eliana Cristina Conceição dos Santos

Escolas e professores de Promissão

EMEF Aurélia Moreira de Barros

Professoras

Raquel Araújo Matias dos Santos – 3º A
Líbna Maressa Flauzino Velo – 3º B
Elaine Aparecida da Silva Mariano – 3º C
Deebah Qader Prado – 3º D

Professoras de Artes

Patrícia Regina dos Santos Oliveira
Deise Nogueira Paulino Casemiro

Diretora

Terezinha de Jesus Ferreira Luz Sales

Vice-diretora

Maria Luíza Puga Ferrari

Coordenadora

Valeira Luciane David Monte Martins

EMEF Colégio Xavier**Professoras**

Gislene de Oliveira Menti Sanchez - 3º A

Andréia Cristina Carvalho Gomes - 3ºB

Marini Fiurst Colturato - 3ºC

Raquel Marin Alves Ribeiro - 3º D

Marilda Pereira Rodrigues - 3º E

Professoras de Artes

Najara Garcia Bachiega

Marta Batista Henck da Silva

Coordenadoras Pedagógicas

Ana Beatriz Guarido Pegorer

Luiza Terezinha Venturini

Diretora

Janayna Elizabeth Pereira Vilela Galante

Vice-diretora

Carmen Lucia Calderero Marins Reis

Coordenadora

Adriana de Souza Espósito Pereira

EMEF Agrovila**Professoras**

Jessica dos Santos Alves (Agrovila Central) - 3º A

Isla Fernanda Mota da Costa Campos (Agrovila Tietê) - 3º A

Maria Celina Andrade Santos da Cunha (Cantinho do Céu) - 3º A

Professora de Artes

Luciane Roberta Cardoso

Diretora

Cristiane Cássia Dinalli Fidalgo

Vice-diretora

Andrea Vieira de Souza Bolonha

EJA – Educação de Jovens e Adultos**Professores**

Cleuza Dias - EMEF Aurélia Moreira de Barros

Helenice dos Santos Salazar Carvalho – Agrovila dos 44

Henrique Rocha da Silva - EMEF Aurélia Moreira de Barros

Leticia Alessandra Cavalcante – Agrovila Central

Lilian Maria Guimarães Ribeiro – Agrovila Birigui

Maria José da Silva – Agrovila Campinas

Simone Borges de Medeiro - Agrovila José Bonifácio

Vera Lucia de Moraes Souza – Agrovila Central

Coordenadora

Luciene Lopes da Silva

Depoentes de Promissão

Aparecido Luís Cavicioli

Carlos Januário (Cafu)

Carmelita Maria dos Santos Ribeiro

Célia Martineli

Conceição da Silva Silveira

Edmir Brito (Bia)

Fernanda Augusta Massari Qader

Ivan Diniz Lopes

João Balbino Paulino

José Alves da Silva (“Filé”)

José Jacomasse

Maria de Lourdes Pereira

Maria Zaplana Morellis

Miguel Ricardo Piromalli Lopes

Nivaldo Ferrato

Sueli Bertelli

Terezinha de Jesus Volpe

Wilson Borsato dos Santos

**Todo Lugar Tem uma História para Contar –
Buritama e Promissão, 2017****Coordenação Geral**

Sônia London

Gestão de Projetos

Marcos Terra

Formador e Coordenador

Danilo Eiji Lopes

Edição dos Textos

Danilo Eiji Lopes

Revisão dos Textos

Sílvia Balderama

Produção

Natália Gradin

Gabriela Ottengy

Concepção Expográfica

Renato Theobaldo

Design Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Finalização Gráfica

Renato Oliveira

Produção Gráfica

Praxinoscópio Produções

Desenhos e Produção dos Textos

Alunos participantes do projeto





Parcerias



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA CULTURA

